

Ênio Brito Pinto\*

# As Manifestações da Sexualidade nas Diversas Fases da Vida Humana

“Sabedoria é perceber que a vida é uma viagem, cujo significado se encontra no próprio percorrê-la e não em seu ponto de chegada.”

Alexander Lowen

Minha idéia é que façamos um breve passeio pelo desenvolvimento da vida sexual de uma pessoa. Um passeio breve, portanto necessariamente incompleto. Um passeio que nos dê um panorama sobre como geralmente é o desenvolvimento da vida sexual desde o útero materno até a terceira idade. Algo como se olhássemos para um roteiro de uma viagem, já sabendo de antemão que um roteiro, por melhor que seja, não é a viagem nem sequer dá conta das emoções que são vivenciadas durante a real viagem.

Neste roteiro, estarei atento principalmente a um aspecto desta viagem, pois este é o nosso propósito. O aspecto a que me refiro é a sexualidade. Ela é apenas um aspecto do existir humano, e nada além disso. Um aspecto importante, não há a menor dúvida, mas não é o todo, embora em alguns momentos, especialmente naqueles em que a sexualidade torna-se figura para o ser vivente, ela pareça até ser um fim e não um meio.

É verdade, eu preciso esclarecer: para mim, a sexualidade é um meio, não um fim em si mesma. O fim último da existência humana é o contato com o outro ser humano, é a busca de relações com o outro. Neste sentido, a sexualidade torna-se um meio por excelência e é nesse sentido que deve ser entendida a sexualidade em todo o meu discurso de agora em diante. Isto posto, vamos à nossa olhada em nosso roteiro.

A primeira pergunta que me ocorre é a seguinte: quando começa a vida sexual de um ser humano?

A primeira resposta que me ocorre é: antes mesmo do encontro do espermatozóide com o óvulo. E eu justifico: cada ser humano tem, ainda que geralmente inconsciente, um desejo que indica como gostaria que fosse seu filho ou sua filha. Muitas e muitas vezes, fazemos diálogos com esta criança mesmo antes que haja na vida condições concretas para que ela venha à luz.

Mais até: cada cultura - e a nossa não é exceção - tem já determinados os pontos básicos de cada papel de gênero, pontos que inevitavelmente dizem respeito à sexualidade.

Em toda cultura, cada pessoa é, desde antes do próprio nascimento, submetido a uma educação sexual. A base da educação sexual está em casa e em toda a sociedade. A educação sexual se dá antes mesmo da criança aprender os primeiros balbucios e continua pela vida afora, através de palavras, gestos, atitudes dos que convivem com a criança. Assim, por exemplo, quando a família comemora com um certo alívio o nascimento de um garoto ao invés de uma menina, já está sinalizando para esta criança que em nosso meio é aparentemente mais fácil ser homem que ser mulher.

Então, parte do senso de identidade da pessoa já começa a se desenvolver antes mesmo que a criança nasça: são os aspectos culturais que estão à espera desta criança na forma das expectativas dos pais e dos parentes mais próximos. É a partir dessa base que a criança vai desenvolver seu senso de identidade.

Mais tarde, depois de nascer, a criança ainda levará algum tempo para diferenciar-se da mãe, pois como Clarice Lispector tão poeticamente descreveu, “o nascimento era a morte de um ser uno se dividindo em dois solitários.”<sup>1</sup> E este nascimento ainda vai levar muito tempo para se realizar.

O desenvolvimento do senso de identidade provém da descoberta desta solidão a que Clarice Lispector se refere, a solidão a que o nascimento nos remete. Imerso nesta solidão irreparável, o ser humano destina-se sempre ao contato, à busca de relações com o Outro.

É verdade que essa busca de relações com o outro inclui o contato consigo mesmo. Citemos Rollo May:

“Um bebê adquire seu primeiro senso de identidade pessoal pela percepção de seu corpo. Diz Gardner Murphy: “Podemos chamar ao corpo, segundo o sente a criança, o primeiro âmagô do self.” O bebê segura a perninha de vez em quando e, mais cedo ou mais tarde, ocorre a experiência: “Isto é uma perna. Eu a sinto e ela pertence a mim.” As sensações sexuais são particularmente significativas por se encontrarem entre as primeiras que a criança pode referir diretamente a si mesma. Quando as partes sexuais são estimuladas no brinquedo ou pela fricção da roupa dá-se o esboço rudimentar da sensação de si mesmo.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Clarice Lispector, *A Descoberta do Mundo*, p. 204

<sup>2</sup> Rollo May, *O Homem à Procura de Si Mesmo*, p. 87

O corpo é a trilha que determinará o desenvolvimento da psique. Na busca por relações com o outro, desde o nascimento a pessoa usará o corpo na medida em que o for descobrindo. E o corpo se revela aos poucos, a cada momento desvelando uma área por onde a libido se manifestará, como tão bem o demonstrou Freud em sua teoria do desenvolvimento da sexualidade.

Neste momento, cabe um alerta: embora de agora em diante eu vá me apoiar na teoria freudiana, não o faço inteiramente, pois concordo com Fairbain quando ele “focalizou o seu desacordo com a teoria pulsional em dois princípios básicos: a libido não busca o prazer, mas o objeto; e o impulso é inseparável da estrutura. (...) Ele argumenta que o objeto não está apenas embutido no impulso desde o começo, mas que a característica principal da energia libidinal é a sua qualidade de busca do objeto. O prazer não é o objetivo final do impulso, mas um meio para seu fim real - relações com o outro.”<sup>3</sup>

“De acordo com o modelo estrutural clássico, o bebê humano nasce fundamentalmente não relacionado a outros, buscando a redução da tensão; torna-se relacionado a outros apenas secundariamente, devido à sua utilidade em reduzir as suas tensões, fornecer-lhe prazer. Fairbain sugere que o bebê é orientado para outros desde o começo e que sua busca de relação tem raízes adaptativas na sua sobrevivência biológica.”<sup>4</sup>

Então, como dizíamos, é no corpo que o ser se apoia para desenvolver-se. “O corpo fornece a oportunidade para vários prazeres e atividades sensuais, principalmente pelas zonas erógenas, que são usadas pelo ego em busca de objetos como ocasiões para contato, modos de relacionamentos com os outros. As zonas são vistas como fornecedoras de caminhos para o objeto.”<sup>5</sup>

Estamos falando da existência de zonas erógenas no corpo, pontos corporais por onde a sexualidade se manifesta no correr do desenvolvimento pessoal. Dentro desta perspectiva, a principal fonte de excitação de prazer tende a se concentrar em uma determinada área do corpo, por um determinado período de tempo. Assim, a primeira zona erógena seria a boca, a segunda o ânus, a terceira os órgãos genitais, principiando pelo falo ou órgão sexual masculino e chegando à capacidade geradora inerente aos genitais masculino e feminino.

“O primeiro objeto para o bebê é o seio da mãe e ele procura com o seio assegurar sua própria sobrevivência e desenvolvimento, tanto biológica quanto emocionalmente. Ele ‘procura pelo’ seio e seus reflexos orais embutidos lhe permitem relacionar-se com ele e usá-lo. A boca torna-se a zona saliente nos primeiros meses de vida porque é a parte do corpo do bebê

---

<sup>3</sup>Jay R. Greenberg & Stephen A. Mitchell, *Relações Objetivas na Teoria Psicanalítica*, p. 113

<sup>4</sup> ibidem, p. 114

<sup>5</sup> ibidem, p. 115

mais adequada, através da adaptação para a sobrevivência, para fazer contato com o seio como também para trocar prazer com ele. O bebê usa a boca a serviço de sua 'busca de seio'.”<sup>6</sup>

Freud acreditava que o prazer advindo da sucção nesta etapa da vida seria um prazer eminentemente sexual, daí ter postulado a existência de uma sexualidade infantil, fato que escandalizou a sociedade vitoriana da época e que motivou uma inicial rejeição às teorias propostas por ele. Esta noção de sexualidade não se restringe - é óbvio, mas não custa frisar - à fase oral do desenvolvimento, mas está também presente nas fases subsequentes. O caráter sexual do desenvolvimento humano foi deduzido por Freud a partir de observações que davam conta da existência do mesmo prazer que a criança obtém nestas fases na sexualidade adulta, onde a boca, o ânus e os órgãos genitais são fontes corporais de prazer. Também a presença da erotização nestas áreas nas perversões sexuais chamou a atenção de Freud, bem como a recorrência em análises de lembranças associadas a estas áreas corporais, além das fantasias que se ligam a problemas sexuais estarem sempre vinculadas a estas épocas do desenvolvimento.

Então, já sabemos que o ato de sugar é um ato prazeroso para o bebê, e que este prazer se estenderá por toda a vida da pessoa. Este prazer vem da satisfação de um instinto de sobrevivência e o extrapola, haja vista que a criança não se detém em sugar apenas no momento da amamentação, mas mantém-se fixada neste prazer mesmo em outros momentos, quando, por exemplo, suga a própria língua ao dormir. Neste momento de sua vida, o bebê ainda não tem uma capacidade de se diferenciar do mundo e das outras pessoas, e por isto confunde o si mesmo com tudo aquilo que aparece na boca, mantendo-se numa situação de confluência, notadamente com a mãe, que é quem vai estar mais perto da criança e quem vai lhe possibilitar a satisfação das necessidades mais elementares através da mamada. Utilizando um termo psicanalítico, diríamos que a criança está em processo de identificação com a mãe, como se a criança e a mãe fossem ainda um só organismo.

Nesta fase do desenvolvimento, a presença da mãe será importante. A forma como a mãe lidará com a criança a fará perceber - e provavelmente generalizar - se está lidando com um mundo predominantemente hostil, amoroso, angustiado, receptivo ou não. A mãe será a principal fonte de prazer e de privação para a criança.

Subsequente à fase oral, vamos encontrar a fase anal, momento em que o ânus, o treinamento higiênico e as excreções vão desempenhar papel preponderante na localização biológica da libido, que se deslocará da área oral para a área anal. Este processo de deslocamento é parcial, haja vista que a área oral não deixa de ter importância, mas que a ela vem se somar a fase anal, que ficará momentaneamente preponderante.

---

<sup>6</sup> ibidem, p. 115

O início do treinamento higiênico é a marca mais importante da entrada na fase anal do desenvolvimento, pois esta fase não prescinde do controle voluntário da musculatura, e o prazer a ser alcançado nesta fase está intimamente relacionado com o controle do esfíncter anal e com a retenção e expulsão das fezes.

Nesta etapa do desenvolvimento, as fezes fazem a intermediação do contato da criança com o mundo. Assim, são comuns cenas em que a criança, depois de evacuar, chama a mãe para ver suas fezes, como se elas fossem um presente para a mãe, ou uma forma de reatar o laço perdido com o fim da amamentação, sem dúvida um acontecimento penoso e ameaçador para a criança.

A erogeneidade da zona fálica manifesta-se por volta do terceiro ano de vida da criança, quando o desinteresse pelas matérias fecais é aceito por ela. Sua libido, então, irá se utilizar da região fálica, fazendo surgir aquilo que Freud chamou de fase fálica do desenvolvimento da sexualidade.

Nesta etapa do desenvolvimento aparecem as curiosidades ligadas à gestação, que começaram a se delinear durante ainda a fase anal, quando a criança imaginava que a mãe colocaria a criança no mundo através de seu ânus. Aparecem também as curiosidades explicitamente ligadas à sexualidade e às diferenças entre os sexos, sendo comum que a primeira constatação das crianças seja de que os homens são fortes. Mais tarde, a criança se dará conta de que o menino tem pênis e a menina não.

Freud acreditava que as meninas não tinham ainda noção da existência da vagina, embora já conhecessem o clitóris como órgão de prazer. Isto as levaria a crer que o clitóris seria um pênis ainda por se desenvolver, pensamento que também está presente nos meninos como forma de explicar o fato de uns terem pênis e outras não. Nos meninos, é comum a idéia de que a menina sofreu uma mutilação, embora não sejam todas as mulheres expostas a este tipo de mutilação: é comum a idéia de que a mãe tem pênis.

É na fase fálica que a figura do pai vai aparecer mais claramente para a criança, sendo este “surgimento” do pai fundamental para o desenvolvimento da identidade sexual da pessoa no futuro.

A criança que vivia em dependência afetiva com relação à mãe e vivendo a ambigüidade, a identificação e a projeção a que já nos referimos, descobre que não é tudo para a mãe, pois esta também gosta do pai. Isto é vivido como um misto de alívio (pois a criança já não terá que ser a única responsável pela felicidade da mãe) e de angústia (pois perceber a mãe dividida significa perder uma parte do espaço que a criança julgava só seu). A criança entraria então no Complexo de Édipo, que, ao contrário do que muitos acreditam, é diferente para o menino e para a menina. Neste período, a criança descobre que tem que renunciar à mãe como objeto libidinal.

Mesmo renunciando à mãe como objeto explícito da libido, a imagem da mãe ainda acompanha o desejo erótico do menino, gerando um medo de

um castigo que se configuraria na castração, e uma conseqüente e significativa angústia. Então, como forma de se livrar da angústia, o menino torna suas as proibições paternas e renuncia verdadeiramente à mãe, desenvolve sentimentos positivos em relação ao pai e mantém a fantasia de que a mulher é mesmo dotada de um pênis . Assim agindo, ele crê estar livre da angústia e do sofrimento que a rivalidade com o pai trazia. É nesta rivalidade com o pai, entremeada de desejos de matar o rival, que Freud foi buscar a analogia da tragédia grega.

O caminho da menina na travessia do Complexo de Édipo é diferente porque, se para o menino a angústia vem depois do desejo, para a menina o desejo sucede a angústia. Segundo Freud, ela se sentiria castrada pelo fato de não ter um pênis, o que a deixaria angustiada e ressentida com a mãe. Ela teria, então, o desejo de ter um filho como forma de obter simbolicamente o pênis, e, para este fim, se voltaria para o pai, fazendo da mãe uma rival. Aqui se forma uma situação parecida com a do menino, no sentido de que o pai se torna o objeto libidinal e a mãe a rival, cabendo, pois, a analogia com a peça de Sófocles. Como a angústia da menina é muito menor que a do menino, já que ela não teria medo de ser castrada por já se considerar castrada, resulta que a saída do Complexo de Édipo pela menina será muito mais lenta que para o menino e menos radical.

Embora pareça simples, a resolução do Complexo de Édipo é difícil e complicada e somente se dará anos mais tarde, depois que a criança tiver passado pelo que Freud chamou de período de latência, o que só acontecerá no rompimento da puberdade, por volta de dez, onze anos.

É durante a fase fálica que a criança passa a ter uma idéia mais aproximada da morte. Até então, ela percebia a morte apenas como uma imobilização temporária; agora ela passa a perceber que da morte não há retorno, fato de inúmeras conseqüências para sua vida, inclusive no que respeita à angústia de castração.

Tendo já uma idéia mais completa de como está esta criança, vamos ver como seguirá seu desenvolvimento agora que ela se prepara para entrar na fase de latência, um período em que a sexualidade ficará como que esquecida, ou, na linguagem psicanalítica, sublimada.

Nesta fase, entrará em ação um mecanismo de defesa do ego chamado recalque, que é usado como defesa contra a angústia de castração, o medo de perder o falo. Este recalque fará surgir a sublimação, que é uma forma de atingir algum prazer sem que a sexualidade esteja explicitamente presente na base deste prazer. A sublimação permite que objetos de substituição e/ou simbólicos preencham o vazio do prazer sexual que o recalque busca não permitir surgir neste momento da vida.

A sublimação permitirá que a pessoa possa se direcionar no sentido de aprofundar e aprimorar as conquistas com vistas a uma maior e melhor socialização. Será o momento de integração do já aprendido, bem como de

sua ampliação, sendo o ponto ótimo do desenvolvimento para que se inicie o processo de alfabetização.

A fase de latência não indica que não haverá mais desenvolvimento da sexualidade: nesta fase ele estará desacelerado apenas. Mas há modificações também importantes na área da sexualidade, pois a criança tenderá a se identificar com seu genitor de mesmo sexo e se iniciará uma diferenciação maior entre os papéis de gênero.

A fase de latência findaria, segundo Freud, com o começo do surgimento da adolescência e da puberdade, dando início ao que é chamado de fase genital, a qual se prolongaria até o fim dos dias da pessoa neste mundo.

Nesta fase genital, de novo, e ainda segundo Freud, o foco de tensão libidinal está nos genitais. O que diferencia a fase fálica da fase genital neste aspecto está claro nas próprias palavras que as definem: fálico, vem de falo, que é sinônimo de pênis; genital significa aquilo que serve para a geração, para a procriação.

Então, é na fase genital que o corpo vai estar apto para a procriação, e a psique com condições de se voltar para a relação sexual propriamente dita e para as responsabilidades inerentes a ela.

O pensamento da fase genital, quando saudável, terá por principal característica a oblação, que é a capacidade de se doar a fim de que a vida tenha curso natural. Esta capacidade oblativa estará também presente na sexualidade.

## PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA - DILEMAS BÁSICOS

Embora alguns autores tendam a ver a puberdade como precedendo a adolescência, uma visão mais atual vem nos mostrar que isto não é necessariamente verdadeiro. A adolescência pode preceder ou suceder à puberdade, de forma que não nos parece mais possível estudar os dois fenômenos isoladamente. Se os dividimos, é puramente em função de um critério didático, o que não nos deve fazer perder de vista que, no mais das vezes, os dois fenômenos são sincrônicos.

Tendo isto em vista, podemos definir a puberdade como caracterizada pelas mudanças corporais que transformarão o corpo infantil em corpo adulto, notadamente pelo aparecimento das características sexuais secundárias.

O termo “puberdade” vem do latim *pubertate*, sinal de pêlos, barba, penugem, e tem sido usado justamente porque as primeiras características sexuais secundárias que aparecem são os pêlos, principalmente os pubianos.

O termo “adolescência” vem do latim *adolescere* que significa crescer. A tendência universal tem sido a de reservar o termo puberdade para

as mudanças biológicas, e o termo adolescência para as mudanças psicológicas e cognitivas que acompanham o jovem no período de passagem da vivência infantil para a adulta. As mudanças biológicas tendem a se consolidar por volta dos 18 anos de idade, enquanto que as emocionais e cognitivas, em nossa classe média atual, só se consolidam por volta dos 25 anos de idade, em média.

“O corpo é uma dimensão básica da existência. Ele é morada permanente de nosso ser e o instrumento privilegiado de nossa ação. É o referencial social que nos outorga uma identidade constante, apesar de todas as mudanças que sofre durante a vida. Pelo corpo somos também natureza, entes naturais submetidos às leis biológicas e à finitude. Tais são algumas de suas peculiaridades.”<sup>7</sup>

Este momento de passagem de um corpo infantil para um corpo adulto, de um pensamento infantil para um pensamento adulto, de um amadurecimento emocional, é um dos mais mágicos momentos da vida humana. É quando a natureza nos impele a um arranque em direção a nosso pleno desenvolvimento, é quando a maturidade começa a deixar de ser uma distante e remota possibilidade para se tornar em concretude, é um momento em que o presente está por demais próximo do futuro. É tempo de descobertas, de novas possibilidades, de profundas e duradouras mudanças corporais, é tempo de consolidação da noção de eu, é tempo em que definitivamente as pessoas se dão conta de que são e serão sempre seres sexualizados. É quando abrimos cheios de medos e de esperanças as portas do mundo adulto. É quando a angústia pelo vir-a-ser se torna presente diante da imensa provisoriedade do estar-sendo. É quando a extensa gama de escolhas a serem feitas quase nos paralisam. É o momento em que o jovem necessita como nunca de apoio e de compreensão pessoal e social, de informações honestas e claras, de efetivo suporte afetivo para que desenvolva harmônica e responsabilmente seu potencial, na busca de se tornar um ser social atuante e um ser pessoal coerente, autônomo e rico de possibilidades de aprendizagem e de contínuo crescimento.

As mudanças biológicas desta época começam em média quando o jovem atinge dez anos de idade, atingindo seu pico - a menarca para a menina e a primeira ejaculação para o menino - por volta dos treze anos de idade, com variações individuais que podem antecipar ou retardar as mudanças.

Para as meninas, de uma forma geral, as mudanças são as seguintes:

- 1- aumento inicial dos seios;
- 2- aparecimento dos pêlos pubianos lisos e pigmentados, que ocorre por volta de 1,5 a 2 anos antes da menarca;

---

<sup>7</sup>Romero, E. - *O corpo e as Mutações do Desejo* - pp 07

- 3- aparecimento dos pêlos pubianos encarapinhados;
- 4- crescimento dos pêlos axilares, aproximadamente 6 meses antes da menarca;
- 5- espinhas;
- 6- menarca.

Concomitantemente, esta é a idade de maior crescimento corporal, é a época em que aparece maior sudorese, é quando a pele da menina fica mais macia, a pele dos genitais se torna mais escura e as formas do corpo se arredondam.

Para os meninos, esta também é a idade do crescimento corporal máximo, é a época em que eles vivem enorme angústia por se sentirem desajeitados, fenômeno que também atinge as meninas. Para eles, é o momento da pele se tornar mais áspera, do aparecimento da musculatura e de um aumento da transpiração. E mais:

- 1- início do crescimento do escroto e dos testículos, com mudança na textura da pele do escroto;
- 2- aparecimento dos pêlos pubianos lisos e pigmentados;
- 3- início do aumento do pênis, a princípio no sentido do comprimento e depois na circunferência;
- 4- primeiras mudanças na voz;
- 5- pêlos pubianos encarapinhados;
- 6- pêlos axilares;
- 7- primeira ejaculação;
- 8- mudança acentuada da voz;
- 9- espinhas;
- 10- desenvolvimento da barba.

A adolescência implica em uma capacidade de fazer distanciamentos: é quando a pessoa pode tomar distância adequada para considerar em perspectiva e de modo racional e reflexivo sua realidade. Piaget vê nesta fase o início do pensamento hipotético-dedutivo, que permite à pessoa movimentar-se num campo meramente hipotético. Rollo May fala que é esta a fase em que a pessoa torna-se capaz de apartar-se de si mesmo.

Para o adolescente é, mais do que nunca, importante um cuidado com o corpo. É na adolescência que o corpo mais se modifica, trazendo neste processo mudanças cognitivas mais do que significativas. É justamente neste momento que a capacidade de abstração se realça e, por isto, é justamente neste momento que o cuidado com o corpo se torna essencial.

O adolescente está capaz de apartar-se de si mesmo, de ser sujeito e objeto de si mesmo. Ele está num momento fundamental para a consolidação de sua identidade, um momento de rápidas e definitivas mudanças corporais. Ele será tão mais saudável quanto melhor for seu contato corporal. Ele será tão mais responsável socialmente quanto mais responsável for com seus

sentimentos e com suas sensações. Conhecer-se-á mais na medida em que tiver maior liberdade para conhecer e explorar sua corporeidade.

A conquista ativa da individualidade aparece nesta idade e é fruto desta capacidade de distanciamento. Na medida em que pode distanciar-se - de si mesmo, do corpo, da família, da escola, de valores e de projetos - o jovem passa a presentificar coisas, sensações, sentimentos, idéias, ideais. E o que é presentificado requer cuidados, principalmente se é fator determinante no estabelecimento da identidade, como a sexualidade, por exemplo.

“Nesta etapa, o desejo emerge em todo o seu esplendor. Falo do desejo erótico, aquele que nos torna mensageiros da espécie, “daquele vinho que nos embriaga tanto mais quanto menos o bebemos”, como diz Max Nolden”<sup>8</sup>

O adolescente abandonará o jogo hedônico da criança, e buscará o erotismo, uma vez que já é capaz do sexo genital. Estará, então, mais sensibilizado ao desejo do outro, à possibilidade do erotismo com, pelo e para o outro. Também progressivamente o fantasiar erótico se insinuará, com caráter predominantemente genital. Aos poucos, a necessidade de concretização do erótico aparecerá.

O interesse por questões sexuais está sempre presente no adolescente, não raro como fator preponderante na busca da resposta à pergunta: “quem sou eu?”.

Esta busca de individuação torna o adolescente sensível aos outros. O desejo erótico também seguirá nesta linha que parte do auto-erotismo até o encontro com o outro, passando pela capacidade de contato até chegar à capacidade de reciprocidade.

Este progresso não é linear:

“ É normal para o adolescente comportar-se de maneira inconsistente e não previsível. Lutar contra seus impulsos e aceitá-los; amar seus pais e odiá-los; ter vergonha de reconhecê-los perante outros e querer conversar com eles; identificar-se e imitar os outros enquanto procura uma identidade própria. O adolescente é idealista, artístico, generoso e pouco egoísta como jamais o será novamente, mas é também o oposto: egoísta, calculista,autocentrado.”<sup>9</sup>

Resumindo, podemos entender a adolescência como iniciando-se e se definindo por uma série de elementos psicológicos que se destinam ao estabelecimento da identidade pessoal. Aí estão incluídos, dentre outros, a redefinição da imagem corporal, a busca de relações objetais de autonomia plena com o abandono da simbiose com os pais, a elaboração dos lutos pela perda do corpo infantil e da infância, o estabelecimento de valores pessoais, a busca de grupo(s) de pertinência, o estabelecimento de uma relação diferente

---

<sup>8</sup>Romero, E. - *ibidem*, pp 20

<sup>9</sup>Anna Freud, citada em Suplicy, M. - *Sexo Para Adolescentes*, pp 22

com a geração anterior, a aceitação tácita dos ritos sociais de iniciação, e assunção de funções ou papéis sexuais auto-outorgados.

A busca de um código moral próprio e a busca do estabelecimento de uma identidade bem sedimentada, como vimos, são os mais importantes dilemas humanos que vem à consciência das pessoas durante a adolescência.

### A IDADE ADULTA

Passada a adolescência, cumpridos as obrigações e os rituais - estes, cada vez em menor número, infelizmente - que colocam o ser humano na idade adulta, começa um problema novo: a idade adulta. É Kusnetzoff quem comenta:

“Quando entramos na idade plena, esta floresta encantada que se estende dos vinte e cinco aos sessenta anos aproximadamente, não há bastantes sinais de referência [no aspecto corporal]. No aspecto psíquico, ao contrário, quantas transformações! Quantas buscas de emprego! Quantos casamentos! Quantos nascimentos! Quantas mortes! Quantas primeiras vezes! Quantas supostas últimas vezes!”<sup>10</sup>

A idade adulta traz mais à tona uma luta importante do ser humano: a luta por autonomia. Carl Rogers nos diz como é a pessoa autônoma:

“reconhece que o comportamento e os desejos sexuais podem ser muito satisfatórios e ter conseqüências permanentemente enriquecedoras, ou superficiais e temporárias e insatisfatórias. Orienta-se por sua experiência e esta nem sempre coincide com as normas sociais. (...) É sua vivência que proporciona a informação de valor ou *feedback*. Isto não quer dizer que não esteja aberta a todas as provas que possa obter de outras fontes. Mas quer dizer que estas são aceitas como são - provas exteriores - e não são tão significativas quanto suas reações. (...) Utiliza toda a riqueza de sua aprendizagem e funcionamento cognitivos, mas, ao mesmo tempo, confia na sabedoria de seu organismo.”<sup>11</sup>

O ponto essencial da autonomia é que a pessoa se torne apta a tomar decisões por si mesma. Então, e só então, ela poderá tornar-se livre, entendendo aqui a liberdade como a define Rollo May, ou seja a forma como a pessoa confronta com seus limites, como empenha seu destino na vida cotidiana. May lembra-nos, ainda, que a responsabilidade é inseparável da liberdade: “pois a liberdade ilimitada é como um rio sem margens; a água não

---

<sup>10</sup> Kusnetzoff, J. C. , *A Mulher Sexualmente Feliz*, pp 129/130

<sup>11</sup>Rogers, C. R. e Stevens, B. , *De Pessoa Para Pessoa*, p 198

é controlada e o fluxo se derrama em todas as direções, perdendo-se na areia.”<sup>12</sup>

“E ser adulto implica, primeiro e antes de tudo, ser responsável. E, queiramos ou não, nos agrada ou não, nós, os seres humanos, não estamos preparados para nos assumir, para dizer: ‘Sim, eu sou o protagonista central desta história.’”<sup>13</sup> Porque assumir a responsabilidade pela própria vida é o grande dilema da idade adulta, um dilema que começa a aparecer quando a pessoa se dá conta da existência da morte, quando a pessoa começa a ter a certeza da própria morte.

O problema central da idade adulta, assim como fora o estabelecimento da identidade para o adolescente, é aprender a conviver com a finitude. Neste processo, são diversas as passagens que a cultura impõe, quase todas elas tocando a questão da sexualidade. Há o casamento, a paternidade ou a maternidade, a luta por um espaço pessoal no mundo, a busca da melhor forma de deixar a própria marca na vida, dentre outras, isto sem contar o ainda (e sempre) necessário contato com o corpo.

O corpo, ainda a morada do ser, ainda o principal denunciador da passagem do tempo e dos limites que essa passagem impõe ao ser vivente. Só que agora um denunciador mais lento, haja vista que as mudanças corporais que ocorrem a partir da idade adulta são bem mais lentas, bem mais sutis, às vezes quase imperceptíveis. Há um longo tempo para que o corpo se transforme, e ele usa este tempo todo com requintes que só a paciência da natureza é capaz de criar.

O espelho, este sempre denunciador da passagem do tempo, trai a pessoa na idade adulta: é tão lenta a transformação do corpo, que dá tempo para assimilarmos cada mudança como se ela não tivesse ocorrido. Assim, alguns homens, por exemplo, surpreendem-se quando são identificados com ‘aquele careca’; algumas mulheres assustam-se tremendamente quando, numa loja, a balconista as trata por ‘senhora’ como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Não é raro em nossa cultura as pessoas usarem o corpo e a sexualidade na vida adulta como forma de alienação, pois o contato com a morte, o contato com a própria finitude, é por vezes demasiado assustador. Assim, procura-se localizar no corpo ou extravasar através do corpo as angústias que estão para além dele. Pois as angústias da vida adulta dizem respeito principalmente ao ritmo necessário para que a pessoa possa continuar a desenvolver a própria autonomia, continuar a desenvolver os próprios potenciais.

Crescer, continuar crescendo, é ainda a questão mais importante. Tal qual nas outras fases, ainda aqui, na vida adulta, esse crescimento se dá a

---

<sup>12</sup>May, R. - *Liberdade e Destino*, pp 128

<sup>13</sup> Kusnetzoff, *ibidem*, p. 130

partir das relações. Mas agora há um ritmo diferente na forma como as relações interpessoais nos influenciam, porque agora, na vida adulta, há que se olhar mais um pouco - e cada vez mais - para as relações consigo mesmo.

Ouçamos Jung:

“Nossa vida compara-se à trajetória do sol. De manhã o sol vai adquirindo cada vez mais força até atingir o brilho e o calor do apogeu do meio-dia. Seu avançar constante não significa mais aumento e sim diminuição de sua força. Sendo assim, nosso papel junto ao jovem difere do que exercemos junto a uma pessoa mais amadurecida. No que se refere ao primeiro, basta afastar todos os obstáculos que dificultam sua expansão e ascensão. Quanto à última, porém, temos que incentivar tudo quanto sustente sua descida. (...) O entardecer da vida humana é tão cheio de significações quanto o período da manhã. Só diferem quanto ao sentido e intenção. ( grifos meus) O homem tem dois tipos de objetivos. O primeiro é o *objetivo natural*, a procriação dos filhos e todos os serviços referentes à proteção da prole; o segundo é o *objetivo cultural*. (...) a passagem da fase natural para a fase cultural é tão tremendamente difícil e amarga para tanta gente; agarram-se às ilusões da juventude ou a seus filhos para assim salvar um resquício da juventude. É uma espécie de segunda puberdade ou segundo período de ‘impetuosidade’, não raro acompanhado de todos os tumultos da paixão. Mas as antigas receitas não servem mais para resolver os problemas que se colocam nesta idade. Tal relógio não permite girar os ponteiros para trás. *O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si.*”<sup>14</sup>

No que diz respeito à sexualidade - nosso principal assunto aqui - a vida adulta trará ao ser humano algumas passagens importantes. Mais que em qualquer outra área, é na questão da sexualidade na vida adulta que vamos encontrar grandes diferenças entre as lutas empreendidas pela mulher e as lutas empreendidas pelo homem. A vida vai exigir de cada um diferentes caminhos para que se possa alcançar um desenvolvimento equilibrado.

Assim, a principal batalha a ser enfrentada pelo homem diz respeito à castração e a grande luta para a mulher diz respeito ao encontro da sexualidade como algo além da reprodução e da maternidade.

Falemos um pouco dessas lutas.

“Para entender a posição masculina, é preciso entender o falo e perceber como ele permeia o desenvolvimento e o comportamento masculinos: o falo é o símbolo que governa a masculinidade”<sup>15</sup>, diz, com

---

<sup>14</sup> Jung, C. G., *Psicologia do Inconsciente*, # 108

<sup>15</sup> Monick, E. , *Castração e Fúria Masculina*, p. 09

imensa propriedade, Eugene Monick, ao levantar a tese de que a grande luta do ser masculino é no sentido de manter a todo custo o vigor fálico.

Dessa forma, na primeira fase da vida adulta compete ao homem exercer sua masculinidade, seu falo, diante do mundo. É o momento de encontrar em si a força masculina e exercitá-la diante do mundo, num período que poderíamos chamar de essencialmente de aprendizagem.

Aprendizagem do masculino, aprendizagem sobre o falo, concreta e metaforicamente. É a época em que, falicamente, o homem ara a sua terra e busca sempre uma difícil autoconfiança. O medo do homem, na questão da sexualidade, é quase sempre ligado ao medo da perda da virilidade, seja através de uma impotência, de uma ejaculação precoce, seja, mais modernamente, o medo de não ser competente o suficiente para dar prazer à mulher.

O período que poderemos chamar de primeira fase da idade adulta para o homem é, então, o período em que ele vai conhecer e desenvolver suas características fálicas, o período em que o homem vai se por à prova, vai por à prova seu poder fálico.

Passado esse período, vem o que geralmente é chamada de ‘crise da meia idade’, o momento da vida em que, segundo Jung, o homem tem que dar conta de sua *anima*, de seu lado feminino. Esse é um período de integração, é o período em que o homem é chamado a fazer a volta a que nos referíamos ainda há pouco: o interno passa a ter tanta importância quanto o externo. É o momento em que o homem tem a missão de dar conta de si diante de si mesmo, e não apenas diante dos desafios externos. Geralmente, é um momento de angústia.

A passagem pela crise da meia idade é comum a todos os homens, independentemente de classe social ou econômica; é dolorosa para a grande maioria dos homens; é sempre uma grande oportunidade de integração, de balanço do que foi até ali vivido e de uma nova estruturação de seu ser.

O corpo já não é o mesmo, o vigor da juventude já é coisa do passado, os filhos já estão crescidos, o casamento já está diferente, a mulher já é outra; enfim: são muitas as mudanças nesta fase. É duro para o homem dar conta disso, e o caminho é apenas um: a volta para dentro de si, a descoberta da nova realidade e da necessidade de novas maneiras de lidar com ela.

Esta mudança acontece também no falo, já não mais tão ‘esperto’ quanto antes. Esta crise é a grande chance para o homem de mudar a quantidade de conquistas existenciais pela qualidade destas conquistas. As queixas sexuais que ouvimos nessa época dizem respeito principalmente a uma suposta perda do vigor fálico e sua conseqüente angústia.

Na realidade, não é exatamente a perda do vigor fálico o que acontece, mas uma mudança na dinâmica interna do homem: “é o reconhecimento de

que o falo, embora sendo indubitavelmente o deus masculino, não é o único deus do universo.”<sup>16</sup> É o momento em que o homem está chamado para encontrar uma tão necessária inteireza para que ele possa prosseguir seu caminho produtivo na vida.

A capacidade para uma vida plena daí por diante depende em muito de como o homem lida com a crise da meia-idade: sua competência existencial daí por diante dependerá de sua capacidade para lidar com opostos, a capacidade de integração.

E a mulher? Quais são suas principais lutas na idade adulta?

No meu modo de ver, como já disse, a grande luta para a mulher adulta nos dias de hoje, no que se refere à sexualidade, é a luta por espaço existencial além do casamento.

Na primeira fase da vida adulta, digamos entre os vinte e cinco e os trinta anos, a luta da mulher será a de começar a por à prova toda a bagagem cultural incorporada até então. Algumas coisas mudarão, outras não, e, assim, a mulher estará construindo a sua identidade para os próximos anos. Penso que, nessa fase principalmente, o grande questionamento da mulher diz respeito aos cânones familiares - as grandes questões que atormentam a jovem adulta são a formação de uma nova família, a maternidade, a focalização, ou não, da energia em busca por um espaço no mundo profissional. Na vida sexual, como usar sua energia sexual: de acordo com os próprios e ainda incipientes valores, ou de acordo com os ditames da cultura?

Na década posterior, a expectativa é de que a mulher já tenha, ao menos em grande parte, solucionado os dilemas da década dos vinte. A luta agora é no sentido de consolidar sua identidade de acordo com as escolhas feitas anteriormente. Esta “é em geral a década da primeira experiência de verdadeira crise ( ...) o ponto de referência já não é o outro, como fator competitivo.”<sup>17</sup> O ponto de referência passa a ser a própria mulher, seus sonhos, seus ideais, suas realizações, a lida com as exigências culturais e matrimoniais.

Mais do que nunca, a questão que se coloca diante da mulher na década dos trinta anos é a questão da identidade, é a busca da resposta à pergunta sobre o que ela irá fazer com o resto da sua vida. Não é raro nesta época aparecem grandes transformações no dia-a-dia da mulher, como divórcios, volta à faculdade, busca de nova colocação no mercado de trabalho, etc.

O corpo, nesta época, mostra os primeiros e iniludíveis sinais de amadurecimento, as mudanças são grandes, a mulher é chamada a ter com ele uma nova relação: já não é mais o corpo sedutor dos vinte anos, já não é mais o corpo reprodutor de antes, é o corpo que se volta em busca de prazer e de

---

<sup>16</sup>Monick, E., *ibidem*, p. 40

<sup>17</sup> Kusnetzoff, J. C., *A Mulher Sexualmente Feliz*, p. 141

aprendizagem. Não é à toa que é nessa década que a vida sexual da mulher atinge o pico em termos de qualidade.

Daí para a frente, até que atinja a terceira idade, não são poucas as transformações que as mulheres de uma forma geral são chamadas a concretizar, a maioria na linha de um maior aprofundamento na sua interioridade. O sentido da vida é sempre o grande farol orientador; a renovação desse sentido de acordo com as mudanças nas realidades externa e corporal o grande desafio. A tarefa maior é o encontro com o intuitivo e, a partir dele, a integração dos contrários internos em uma capacidade de maior plenitude existencial.

Tanto para o homem quanto para a mulher, o desafio maior na idade adulta é o de ampliar a capacidade para as relações, ampliar a capacidade para a intimidade, uma ampliação que depende primordialmente do aumento da capacidade de intimidade consigo mesmo e que tem, obviamente, grande repercussão na vida sexual.

## A TERCEIRA IDADE

Chegamos agora ao último degrau na linha do desenvolvimento humano, a chamada terceira idade. Qual será a luta mais importante nessa etapa da vida?

Não tenho dúvidas de que, quer para os homens, quer para as mulheres - e principalmente para elas -, a grande luta que a terceira idade traz é a luta contra o preconceito. E não só a luta contra o preconceito social, externo, mas também a luta contra o preconceito interno, o preconceito contra si mesmo.

Por mais que a quantidade de idosos vá aumentando em nossa sociedade, o espaço deles tende a ir diminuindo. Quando digo aqui espaço, estou me referindo principalmente ao espaço psicológico - a possibilidade de exercer com dignidade o afeto, a sexualidade, a experiência existencial.

Que a sociedade sonega este espaço aos mais velhos é fato sabido e grave. O que me parece que ainda é alvo de pouca atenção é o fato de essas pessoas mais velhas acabarem por também elas reduzindo seu próprio espaço existencial. Quer seja pela falta de informação, quer seja por dar extrema atenção aos tantos fracassos por que passaram na vida, quer seja por um pseudo-conformismo, quer seja pela negação das mudanças, o fato é que é muito comum encontrarmos em muitas pessoas idosas um preconceito contra elas mesmas, notadamente no que se refere à sexualidade.

Assim, não é difícil encontrarmos homens e mulheres que preferem abdicar da vida sexual culpando a velhice por essa atitude. Oras, a velhice não tem nada a ver com isso! Ela, como qualquer outra fase da vida humana -

como qualquer instante da vida humana - somente traz transformações, nada além disso.

Desenvolver-se é aprender a lidar com as transformações, pois elas são a chama e o chamado da vida. O bebê lida com transformações, a criança também, ídem o jovem, o adulto, e também o velho. Não há por que se pensar que o ocaso tenha que ser pior ou mais fraco existencialmente que o nascer do sol - ele é diferente, só isso.

E tanto melhor a pessoa idosa lidará com essa diferença quanto melhor houver lidado com sua própria individuação no correr da vida. A maneira de lidar com o erotismo, com a sensualidade, com a sexualidade na terceira idade dependerá em grande parte de como a pessoa lidou com essas questões na sua fase adulta.

Dessa forma, por exemplo, a mulher que conseguiu não vincular excessivamente sua vida sexual à reprodução, tenderá a ter uma vida sexual mais plena na velhice. Situação parecida sucede ao homem: se ele, em seu processo de amadurecimento, cedeu espaço em sua sexualidade aos outros deuses além do falo, também ele tenderá a passar com maior plenitude pelas mudanças e novas limitações que seu corpo lhe impõe na velhice.

Não são poucas as mudanças corpóreas que sucedem a homens e mulheres na terceira idade. São limitadoras, num certo sentido. Em sua maioria, no entanto e se desvinculadas de preconceitos, essas mudanças não restringem o prazer, antes podem aprofundá-lo.

Porque a vida se faz ao ser percorrida. E percorrer a terceira idade implica, se alguma sabedoria é alcançada, em trilhar um caminho onde antigas limitações - antigos desafios, provas, invejas e projetos - podem ser abandonados em função de um alargamento do aqui e agora.

Grande parte desse alargamento vem, de novo se alguma sabedoria é alcançada, do contato mais próximo com a morte que a velhice traz. Não são raros os idosos para quem a morte não é um problema - aliás, a morte é problema para os adultos, que ainda têm tanto a percorrer até encontrá-la. Para o idoso sábio, a morte tende a não ser assustadora, na medida em que é tamanha sua proximidade que a vida ganha tons de exuberância. Não deve haver outro motivo para que o sol dê tão belos espetáculos quando se põe.

EBP/ SET./96

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, D. *O Desencontro marcado*. Petrópolis, Vozes, 1985
- BRABANT,G.P. *Chaves da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973
- CHAUÍ, M. *Repressão Sexual*. São Paulo, Círculo do Livro, 1990
- COSTA, M. *Sexualidade na Adolescência*. Porto Alegre, L&PM, 1986
- DOLTO, F. *Psicanálise e Pediatria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- JAY R. G. & STEPHEN A. M., *Relações Objetais na Teoria Psicanalítica*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994
- JUNG, C. G., *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 1994
- KOLB,L.C. *Psiquiatria Clínica Moderna*.México,La Prensa Medica Mexicana, 1976
- KUSNETZOFF, J. C. *O Homem Sexualmente Feliz*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987
- \_\_\_\_\_ *A Mulher Sexualmente Feliz*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988
- LIMA, H. *Educação Sexual para Adolescentes*. São Paulo, Iglu, sem data
- LOWEN, A. *Bioenergética*. São Paulo, Summus, 1982
- \_\_\_\_\_, *Amor e Orgasmo*. São Paulo, Summus, 1988
- MACARTHY,B. *O Que Você (Ainda) Não Sabe Sobre a Sexualidade Masculina*. São Paulo, Summus, 1981
- MAY,R. *Liberdade e Destino*. Porto Alegre, Rocco, 1987
- MCHINNEY,J.P. *Psicologia do Desenvolvimento*.Rio de Janeiro, Campus, 1983
- MILLON,T. *Teorias da Psicopatologia e Personalidade*. São Paulo, Interamericana, 1979
- MONICK, E. *Falo - A Sagrada Imagem do Masculino*. São Paulo, Paulinas, 1993
- \_\_\_\_\_ *Castração e Fúria Masculina*. São Paulo, Paulinas, 1993
- NUNES, C.A. *Desvendando a Sexualidade*. Campinas, Papirus, 1987
- OAKLANDER,V.*Descobrimdo Crianças*.São Paulo, Summus, 1980
- OSÓRIO, L.C. *Adolescente Hoje*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991
- PERVIN,L.A.*Personalidade:Teoria,Avaliação e Pesquisa*. São Paulo, EPU, 1978
- RIBEIRO,M.(org.)*Educação Sexual*.Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993
- ROGERS,C.R. & STEVENS,B.*De Pessoa Para Pessoa*. São Paulo, Pioneira, 1977
- ROMERO,E. *O Corpo e as Mutações do Desejo*. in *Psicologia e Existência* nº2, São Paulo, Domus Animae, 1984
- STUDART, H. *Mulher Objeto de Cama e Mesa*. Petrópolis, Vozes, 1982
- SUPLICY, M. *Sexo Para Adolescentes*.São Paulo, FTD, 1988
- \_\_\_\_\_ *Sexo Para Adolescentes, Orientação Para Educadores*, São Paulo, FTD, 1988
- TIBA,I .*Puberdade e Adolescência*. São Paulo, Ágora, 1986
- \_\_\_\_\_, *Sexo E Adolescência*. São Paulo, Ática, 1991
- \_\_\_\_\_,*Sexualidade Hoje*, in *Insight Psicoterapia*, São Paulo, ano II, Nº 14, dez.1991